

# ELABORAÇÃO DA PROBLEMÁTICA LEXICOLÓGICA EM GRAMÁTICAS, TRATADOS E DIÁLOGOS DA LÍNGUA DOS SÉCULOS XVI E XVII

## ELABORATION OF LEXICOLOGICAL PROBLEMS IN PORTUGUESE GRAMMARS, TREATISES AND DIALOGUES ON LANGUAGE OF THE XVI-XVII C.

Marina A. Kossarik

Universidade Estatal de Moscou Lomonosov

olissipo@yandex.ru

### RESUMO:

Gramáticas, tratados e diálogos da língua anteriores a Port-Royale revelam a consolidação, nas obras que não são lexicográficas, de muitas ideias da lexicologia actual: 1. entendimento da palavra como unidade da língua; 2. concepção da formação de palavras e a tendência de destacar esta problemática como uma área específica da descrição linguística; 3. novas atitudes à classificação do léxico e princípios de fixar a norma lexical; 4. eclosão das ideias da lexicologia histórica e da etimologia no significado moderno deste termo. A dedicação à problemática da palavra contribui à formação da lexicologia como disciplina linguística e ao aparecimento de vários tipos de dicionários.

### PALAVRAS-CHAVE:

história da linguística, historiografia linguística, lexicologia, norma, etimologia, língua portuguesa.

### ABSTRACT:

Grammars, linguistic treatises and dialogues, without being lexicographic works in the proper sense, often present evidence of how lexicological concepts are being formed. Sometimes they preannounce modern views on subjects like: 1. word as a language unit; 2. word-formation as a special area of linguistic description; 3. new approaches to classifying lexical units and principles of language standardization on the lexical level; 4. development of historical lexicography and etymology in its modern sense. These works contributed to the formation of lexicology as a linguistic discipline and to the appearance of dictionaries of different types.

### KEYWORDS:

history of linguistic thought, linguistic historiography, lexicology, norm, etymology, Portuguese language.

## **Introdução**

Estudando a problemática da lexicologia nos séculos XVI e XVII, os historiógrafos, tradicionalmente, se dirigem a dicionários e baseiam suas conclusões neste material prático. Entretanto, as noções que acarretam a criação da lexicologia como uma disciplina linguística especial, além de determinarem o caráter dos dicionários, se elaboram e se explicitam, o que tem a particular importância, em obras de outros gêneros. A análise destes monumentos anteriores a Port-Royale, dedicados a vários idiomas, possibilita ver que aspectos da palavra chamam a atenção de filólogos na etapa da consolidação de vernáculos como línguas nacionais e que, aliás, coincide com a época, quando cresce muito o número de línguas descritas, no período que consideramos o ponto-chave da formação da linguística como uma ciência madura (КОСАРИК, 1995; КОССАРИК, 2016). Estas são as obras que expõem, sem usar-se, claro, a terminologia dos nossos dias, conceitos e princípios da descrição do léxico (alguns dos quais se realizam na prática nos dicionários da época). Gramáticas, tratados e diálogos da língua revelam o processo da formação ou consolidação de muitas ideias da lexicologia. 1. Firma-se a compreensão da palavra como unidade do sistema linguístico, da segmentabilidade e delimitação da palavra. 2. A apresentação de morfemas flexionais, afixais e radicais leva à criação de uma nova área do estudo linguístico – formação de palavras, o que causa a organização do dicionário no princípio de família de palavras. 3. Atende-se à norma lexical, à diversidade sociolinguística do vocabulário e com esta base elabora-se a classificação do léxico (dialectismos, arcaísmos, neologismos, empréstimos). 4. O estudo das fontes do léxico, incentivado pela consciência do historicismo da língua, junto com a concepção moderna da etimologia, fundada na atenção aos processos históricos na fonética e à semântica lexical, fomenta o esboço do dicionário etimológico, bem como o delineamento inicial do dicionário ortográfico. 5. Surge o interesse a aspectos discursivos lexicais ligado à tarefa de ensino de línguas estrangeiras com os fins da comunicação. A dedicação às questões da palavra nas obras que não são lexicográficas contribui à formação de vários aspectos da lexicologia como disciplina linguística e ao aparecimento de vários tipos de dicionários.

## 1. Palavra como a principal unidade da língua

A maior parte dos autores da época continuam considerando a palavra a principal unidade da língua, embora a tendência de destacar o nível de oração já seja sensível, revelando-se muito claramente na gramática universal de Roboredo (ROBOREDO, 1619, p. 90-101; KOSSARIK, 2002, p. 46-54; KOSSARIK, 2003, p. 116, 128; КОСАРИК, 2013). As definições da palavra baseiam-se em critérios variados.

Oliveira parte do critério lógico-semântico: “Palavra e voz que senifica cousa ou auto ou modo” [OLIVEIRA, 1536, p. Civ], testemunhando a ligação da doutrina do gramático renascentista com a tradição medieval, com a lógica escolástica (que assinala três classes – nomes, verbos e sincategoremas), presente já na obra de Aristóteles (KOSARIK, 1999; KOSSARIK, 2003, p. 93, 95; Kossarik, 2016).

Barros apresenta a palavra na definição da gramática como a principal unidade da língua, ressaltando o papel da palavra como instrumento da compreensão, cognição na fala e na escrita.

Nós podemos lhe [a gramática] chamár artefício de palávras, póstas ã seus naturáes lugáres: pera que mediãte ellas, assi na fãla como na escritura, venhamos em conhiçimento das tenções alheas. Por que bem assy entram as leteras pela vista, como as palávras pelos ouvidos: instrumento comque o nósso intendimêto reçebe as mais das cousas (BARROS, 1540, p. 2).

Para Roboredo a principal característica da palavra é a nomeação: “Palavra he voz, com que cada cousa se diz, ou chama” (ROBOREDO, 1619, p. 64).

### 1.1 Delimitação da palavra

Os autores das gramáticas vernaculares têm que resolver o problema que o cânone antigo praticamente não tocou: são os primeiros a enfrentar a questão da integridade estrutural da palavra. Além da questão das formas simples ↔ segmentáveis, ante os primeiros linguistas portugueses levanta-se o problema de distinguir palavras sintéticas e analíticas, de um lado, e de formas analíticas e construções, do outro. A distinção das formas e construções analíticas está ligada à compreensão das categorias do nome e do verbo português e revela-

-se na inclusão ou não inclusão das formas correspondentes nos paradigmas nominais e verbais.

Barros demonstra o analitismo do vernáculo, apresentando como analíticas, contrapostas às sintéticas latinas, formas portuguesas de graus de comparação do adjectivo e formas verbais compostas.

nã temos mais cõparativos que estes. Mayór, q̃ quẽr dizer mais grãde, Menór por mais pequeno, Milhór , por mais bom, e Piór, por mais máo. Però todolos outros comparativos que elles fórman, suprimos nós com este averrbio, Mais: que acrescenta a cousa a que ô aiuntamos, [...] Eitor foy milhór cavaleiro que Achilles: ou diremos, foy mais esforçádo que Achilles: por que milhór e mais, nesta órdẽ de cõparaçã e hũa mesma cousa (BARROS, 1540, p. 8). Temos ainda em as nóssas coniugações algũs tempos que dizemos per rodeo, assy por uso de nõssa linguágem, como pera significár algũs que os Latinos tem, de que nós careçemos [...]. Chamamos tempo per rodeo, quando simplesmente nam podemos usár dalgũ, entã pera ô sinificár tomamos este ṽrbo, tenho, naquelle tẽpo que e mais confórme ao ṽrbo que queremos cõiugár, e cõ o seu participio passádo dizemos tivera amado, como se póde ver no tẽpo passádo e mais que acabádo no módo pera deseiar, o quá suprimos per este rodeo, per nam termos simples com que ô sinificár (BARROS, 1540, p. 25).

Nunes de Leão marca a correlação entre as formas sintéticas latinas e analíticas romanas do passivo.

De duas vozes destas s. [...] da impessoal & passiva carece a lingoa Portuguesa como as outras, Hespanhoes, Italiana & Francesa, porque o que haviaõ de dizer per suas palavras directas & extendidas, como fazem os latinos, & os Gregos o dizem por circumloquios, & arroteos de vozes emprestadas do verbo substantivo sou, es (LEÃO, 1606, p. 117-118).

A tendência até se espalha às descrições do latim: Resende, Álvares, Roboredo reflectem o analitismo do verbo português em comparação com as formas sintéticas latinas.

Præt. perfectum. Eu haia, ou tenha amado [...]. Amáverim [RESENDE, 1540, p. Diiij]. Amavi, Eu amei, ou tenho amado (ALVARES, 1572, p. 16v). 1. Preterito. Eu Am-éi, tenho, & tive amãdo. Ego Amáv-i. [...]. 1. Plusquãperf. Eu am-ára, & tinha am-ãdo. Ego Amáv-eram (ROBOREDO, 1619, p. 15-16).

A temática da delimitação de palavra obtém uma especial importância para as gramáticas de tupi. Na linguística missionária, no nível empírico, engendra-se a ideia de dissemelhantes jeitos de determinar os limites da palavra em diferentes tipos de línguas. Ao encontrar-se com a incorporação em tupi, os gramáticos resolvem os problemas de diferenciar palavra e morfema, palavra e construção. Anchieta e Figueira escrevem da “composição” e “aposição” das partes da oração, prestam muita atenção aos fenômenos morfológicos, ao acento único em estruturas da língua incorporante.

Os nomes substantivos se compoem com adjectivos, præcedendo sempre os substantivos, & se tem accento na ultima, ficão inteiros, ut mbaecatú, mbaeáiba, nbungatú, nhúaiba. Se tem acento na penultima & encontrão cõ vogal, perdem a ultima vogal, ut túba ete, tubeté, pai verdadeiro. Se encontrão com consoante, perdem toda a ultima syllaba, ut túba, catú, túcatú. [...] Substantivos cõ substantivos, cõ a mesma mudança. [...] E ainda se soem compor tendo o precedente accento na ultima, ut cunumî, minino, téra, nome, cunumiéra, pro cunumirera, pueri nomen, usus docebit [ANCHIETA, 1595, p. 8v-9v]. Os verbos [...] se compoem com algũas partes da oração, e na conjugação não se fã caso senão da ultima terminação, ut: Com adverbios. aicuâb, sey, catú, bem. [...] he quasi como quando se interpoem o nome, servindo hum dos verbos por nome interposto, ut açôgebîr (ANCHIETA, 1595, p. 52). E na composição ha muita variedade. De dous verbos ás vezes se compõe hum. v. g. Aymonhang, faço; Aicuab, sei; Aimonhanguab, sei fazer. Outras vezes do verbo activo, & do seu accusativo, se compõe hũ verbo neutro, ut Aimongueta Tupã; Atupãmongueta; & entã se cõjuga como neutro. Outras vezes entre o artigo do verbo activo se mete hũa das tres letras, que servem de relativos, i, ç, com zeura, T, & juntamente o nome que avia de ser accusativo do verbo; & de tudo se forma hũ só verbo activo. E a fora isso tẽ outro accusativo, ut Aycomonhang xeruba, faço a rossa de meu pay; A, he o artigo, i, he relativo, co, rossa, he accusativo, monhâng, he o verbo activo, em direitura, Faço a sua rossa a meu pay [FIGUEIRA, 1621, p. 47v-48]. As duas primeiras [syllabas] Nho. Yo, quando compoem, ou se ajuntão a algum verbo Activo, sempre denotã numero plural, & communicaçã de hũs pera com os outros: ut Aimongueta, fallar; Onhomongueta, fallão huns para com outros, ou hum com outro (FIGUEIRA, 1621, p. 43v). As duas particulas Nhe, Ye, compondo verbos activos [...] denotão cair a açãõ de cada pessoa sobre si mesma: ut xe ayeiuca, eu me mato a mim mesmo [...]. E se o verbo, a que qualquer destas syllabas Nho, Yo, Nhe, Ye, se ajuntãõ começar por ç, com zeura; o tal ç, se perde, ut açauçub, Aycauçub (FIGUEIRA, 1621, p. 43v-44).

## **1.2 Segmentabilidade da palavra**

Conforme o cânone antigo, os gramáticos renascentistas afirmam que a palavra é a mínima unidade linguística significante e que as partes da palavra por si só não significam. Porém, nas obras de Donato e Prisciano é evidente a tendência de revelar morfemas derivacionais e flexionais, cujo número impressiona (KEIL, 1864, p. 76-77; KEIL, 1855, p. 117-145, 197).

Os autores portugueses, desde a gramática latina de Sousa, desenvolvem o processo iniciado na Antiguidade, marcam flexões, prefixos e sufixos.

Que finiunt a, sunt feminina [...]. Que finiut u, neutra sunt (SOUSA, 1535, p. viij). Que finiunt us, in secunda aut quarta declinatione, sunt masculina [...]. Que finiunt us, in tertia declinatione, sunt neutra (SOUSA, 1535, p. ix v). Personale [verbum] quod per distinctas peronas & terminationes variatur, ut Amo, as (SOUSA, 1535, p. xxiiij v). Letera mutât genera [participii] per terminationes more adiectivorum, ut Albus, a. um (SOUSA, 1535, p. xlvj). Nominum, tamen diminutivorum non est certa ratio qua possint formari, quia exeût in varias terminationes. Sed plerûq; In ulus. a. um. ut fraterculus. sororcula. minusculum. Aliquando in io, ut [...] senecio. Aliquando in aster. a. um. ut pinaster. filiastra. apiastrum [...] In olus. a. um. ut Sergiolus [...]. In ellus. a. um. ut tenellus (SOUSA, 1535, p. iij v).

Na obra de Oliveira achamos grande número de morfemas flexionais e derivacionais. O gramático destaca múltiplos afixos indicando suas funções: sufixos deverbais, diminutivos e aumentativos, sufixo adverbial, formantes dos nomes que designam ofícios e oficinas. Destaca também prefixos. Compara, de um lado, o verbo não-prefixal com seus derivados prefixais e, do outro lado, formados com os mesmos prefixos de outros verbos: fazer, contrafazer, refazer, desfazer ↔ revender, desconcertar. Vê o papel do morfema derivacional em modificar a semântica da palavra. Parece negar a existência do significado de prefixos, mas nota que eles “fazem significar” mais, menos ou o contrário e especifica seus significados.

a regra ã demos dos nomes dos offiços ã acabassem em .eiro. [carpenteiro, çapateiro] damos das offiçinas ou lugares desses offiços cujos nomes acabarão em ria [...] çapataria, carpentaria. [...] e regra geral ã os nomes verbaes femeninos acabem todos em ão como lição, oração e os masculinos em or, como regedor, governador, e os demenutivos em inho ou inha, como moçinho, moçinha, e os

aumentativos em az ou ão. [...] os averbios os quaes quando são tirados polla mayor parte ou sempre acabão em mente, como cõpridamente, [...] os averbios acabados em mente significão calidade. [...] hũs certos nomes verbaes em mento, como cõprimêto (OLIVEIRA, 1536, p. Dvj v-Dvij). as partes re, es, & des. As q̃es se ajuntão assi: revender, estorvvar, desconçertar. E porẽ em que não sinifiquem apartadas por si, fazem sinificar as dições com q̃ se ajũtão mais ou menos, ou ẽ contraio. [...] quãdo ficão na mesma sinificação ou acreçentão essa sinificação como vêder e revender ou a demenuẽ como açertar e cõçertar porq̃ mais chegado e ao fim açertar que conçertar e traz cõsigo mais perfeição desse auto [...] esta parte .re. no ajuntamêto tem virtude de acreçẽtar, e estoutra des. tem virtude de desfazer ou diminuir ou fazer o contraio, e como esta parte .com. significa muitas vezes cõpanhia, cujo exẽplo seja conchegar e conjuntar (OLIVEIRA, 1536, p. Cvij v, Cvij v).

Oliveira faz um importante passo para revelar morfemas radicais: relaciona o significado lexical não só com a palavra inteira, mas também com uma parte integrante desta, que, não sendo palavra independente, figura em outras.

As dições juntas a q̃ os latinos chamão cõpostas sã cujas partes apartadas sinificão ou podẽ sinificar e sã dições por si ou partes doutras dições ẽ q̃ premeiro servião e donde tẽ seu premeiro e p̃prio [*próprio*] naçimêto ao cõtraio das apartadas, ou as dições jũtas sã aq̃llas ẽ q̃ se ajuntão diversas dições ou suas partes fazêdo hũa so dição (OLIVEIRA, 1536, p. Cvij).

Descrevendo a formação de palavras, Oliveira 1. interpreta o derivado destacando componentes constituintes; 2. estabelece correlações entre a palavra motivada e motivante, a semelhança e dissemelhança semântica e formal entre elas; 3. assinala morfemas radicais e derivacionais com determinados significados que exprimem relações das coisas na realidade extralinguística. Isto testemunha um importante passo da linguística renascentista às ideias da segmentabilidade da palavra.

Barros evidencia morfemas flexionais, mas nesta gramática entre os afixos só achamos sufixos aumentativos que o autor caracteriza como avaliativos.

Do nome Diminutivo. Nome Diminutivo ẽ aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se derivou: como de hómẽ, homenzinho, de molher, molherzinha, de moço, mocinho, de criança, criancinha. E outros muitos que se

fórmam e fcbam em diferentes terminações: mais por vontade do povo que por regra de bõa Grammatica. Do nome Aumentativo. [...] Destes nomes Gregos e Latinos nã tratã em suas Grammaticas por õs nam terem, e easy todos se terminã em, am, e az, como, molherã, cavalã, velhacaz, ladrabaz e outros que sempre sam ditos ã desprezo e abatimento da pessoa ou cousa a que os atribuímos (BARROS, 1540, p. 7v-8).

Nunes de Leão apresenta sufixos diminutivos portugueses e compara-os com latinos e italianos, conforme a atenção à comparação de línguas românicas. Tocando o paralelismo fonético e semântico de prefixos latinos e portugueses, revela a variabilidade fonética, típica de prefixos, e aponta casos de fusão.

os diminutivos, que em nossa lingua acabão em ,te, [...] como verdette, pequenette, scudette, [...] que para significar diminuição acabamos nestas terminações, como os Latinos acabão os seus diminutivos em ellus ou illlus. Como os Italianos [...] nas terminações de etto, ou otto, por denotarẽ significação diminutiva (LEÃO, 1576, p. 39). sempre as preposições, ou particulas cõpositivas, [...] saião com as letras com que entrarão, ainda que a derradeira letra da particula compositiva, stee convertida em outra letra, por causa da cõposição, como, [...] ap-pellar, an-notar. [...] Hũas letras se dobrão nas dições per [...] composição. [...] As que dobrão por composição são muitas, & per muitas maneiras. [...] C. Dobrão os verbos, q̃ começando na dicta letra, se composerão com a preposição, ad. Porque se muda o .d. em .c. como acelerar, accepto [...]. Item todolos verbos, que começando em .c. se cõposerão com estas preposições ob, sub, &, e os descendentes delles, como, occupar [...] succeder. [...] nomes compostos da preposição .dis. q̃ começam em .f. como diffamar, differnça [...]. compostos de dições começados em .l. com a preposição .con. por mudarem o .n. em .l., como collação collateral, collegio (LEÃO, 1576, p. 38-48).

Távora, na *Grammatica hebræa*, acode à noção da raiz, seguindo a tradição linguística hebraica que elaborou este conceito por causa de especificidades de sua morfologia. Também mostra morfemas de gênero e número nominais, de voz verbal.

Genera nomina sunt tantum duo, masculinum & fœmininũ fœminina ea sunt quæ terminatur in, ך̄ .i. H præcedente, ך̄ .i. A. , ut [...], sedaca iustitia, vel in ך̄ .i. T. ut [...], tifeat pulcritudo [...]. pluralis autem â singulari addendo masculinis

nomibus, □ ꝛ, In præcedēte hiric. i. I. ut. A, [...], sadic iustus, sit, [...], sadiquim iusti: in fēmininis autem mutando syllabam: A, in oth, ut [...], â [...], sedaca iustitia, sit, [...], sedacod iustitiæ (TÁVORA, 1566, p. 14-15). Coniugationis indicem, nec admittat in secunda radicali litera Daghes forte. id est quod sonum densum & crassum efficiat. [...] Habet autem hæc prima coniugatio sub. p ꝛ .i. prima radicali litera, ꝛ, & sub, ꝛ, hain. id est Secūda, ut [...] visitavit, hæc literæ radicales sūt verborū neutrorū, sive ĩntransitorū (TÁVORA, 1566, p. 14-20).

A obra de Roboredo – O dicionário de *Raizes da lingua latina mostrados em um tratado e dicionario*<sup>1</sup> e o tratado *Composiçam, derivação e ortografia das vozes latinas*, que abre este dicionário – comprova a consolidação do conceito da raiz para o início do século XVII. Como Távora, Roboredo escreve das “letras radicais”. No tratado, nas recomendações dirigidas ao aluno, o autor sublinha que as raízes se revelam depois de separá-las de prefixos e flexões e ficam invariáveis na derivação. No dicionário enfatiza as “letras immudaveis” por um caráter tipográfico especial.

fica clara a Investigação do Simple, & Primitivo. & achando o Simple o poderás outra vez compor de muitos modos, & derivar do Primitivo hũa, & muitas palavras diversamente: & [...] poderás descobrir as letras radicais, que se não mudão, como por exêplo se tẽ ocorrer esta voz Occurebatis, tira esta syllaba, Oc, [...]: depois tira Ebatis, ã na Grammatica se ensina que se converte em O, e assi tês Curro, em que são letras immudaveis, CURR- as quaes verás no dictionario maiores (ROBOREDO, 1621, p. 9).

No *Methodo grammatical para todas as linguas*<sup>2</sup> Roboredo expõe morfemas flexionais portugueses comparadas com os análogos latinos.

<sup>1</sup> Baseado no dicionário de Calepino.

<sup>2</sup> Considero o *Methodo grammatical para todas as linguas* a primeira gramática universal (KOSSÁRIK 1997; KOSARIK, 2002; KOSARIK, 2003; KOSARIK, 2015; КОСАРИК, 2013a; 2013b) (LEITE, 2011). R. Ponce de Leão acha “el concepto de gramática general o universal básico de la obra de Roboredo (PONCE 1996, p. 222), M Quadros Leite frisa o caráter universalista da obra de Roboredo (LEITE, 2011). Há, no entanto, outras opiniões: segundo M. Lupetti “é forçado atribuir-lhe um racionalismo programático” (LUPETTI, 2015, p. 4).

Exemplo das tres declinações Portuguesas. [...]

Numero Sing.	Nominativo	Alt-o	Alt-a	[...]
Numero Pl.	Nominativo	Alt-os	Alt-as	[...]

Exemplo das cinco Declinações Latinas.

Numero Sing.	Nominativo	Alt-us	Alt-a	[...]
	Genitivo	Alt-i	Alt-æ	[...]
Numero Pl.	Nominativo	Alt-i	Alt-æ	[...]
	Genitivo	Alt-orum	Alt-arum	

(ROBOREDO, 1619, p. 2-3).

Tempo presente	Eu	Am-o.	Ego	Am-o.
	Tu	Am-as.	Tu	Am-as.
	Elle	Am-a.	Ille	Am-at.
Plural.	Nos	Am-âmos.	Nos	Am-âmos.
	Vos	Am-âis	Vos	Am-âtis.
	Elles	Am-ão	Illi	Am-ant.

(ROBOREDO, 1619, p. 14).

As gramáticas missionárias apresentam muitos formantes. Anchieta demonstra indicadores de significados gramaticais e meios derivacionais de diminutivos, entre outros. Figueira exhibe formantes de nomes deverbais, apontando diferenças no significado de lexemas com distintos formantes. Notamos a tendência de destacar morfemas derivacionais na gramática de Estêvão: morfemas não sempre estão marcados, mas se desvendam comparando-se os derivados com a palavra derivadora.

Tambem, ï serve de diminutivo, maxime nos nomes, ut xejára, xejarĩ, meu senhorzinho, xembaê, xembaeĩ, minhas cousinhas (ANCHIETA, 1595, p. 54). Estes verbaes saõ commũmente em tres maneiras; huns acabados em Ara, ou Ana: outros acabados em Aba. Os terceiros em yra. Assi como do verbo Ajuca. Iucaçara, o matador. Iucaçaba, o instrumento, ou lugar, ou tempo, ou modo de matar. Yjucapyra, a cousa morta (FIGUEIRA, 1621, 37v). Responde [ao latino] ,qui, quæ, quod [...] connuyecu, i, a, a este acrescentando lhe hũ , i, na ultima syllaba fica tendo o sentido de nullus, a, um [...]. Destes nomes de numerar [...] se formaõ hũs adjectivos, [...] de cinco pera diante acabaõ todos os adjectivos em, auo, ut, panchauo, y, ã, fauo, y, ã, com declaraçaõ que do segundo pera cima se poẽ antes os tais adjectivos a particula yeca, ut Yecuissuaea Varusta, no anno Vizessimo primo (ESTÊVÃO, 1640, 19-21).

## 2. Formação de palavras

O cânone gramatical antigo inclui a formação de palavras na descrição das partes da oração como acidências/acidentes de espécie e figura, distingue a derivação e composição (esta inclui a prefixação), não separa o prefixo e a preposição. Prisciano difere palavra “principalis”, “primitiva”, “derivativa”, “derivada”; figuras “simplex”, “composita” e “decomposita” (KEIL, 1855, p. 57, 177). Além da atitude tradicional, existe a concepção de Varrão das declinações naturais e voluntárias.

### 2.1. Lugar da formação de palavras na descrição linguística

Na linguística dos XVI e XVII se esboça a tendência de separar as descrições da flexão morfológica e da formação de palavras. Esta inovação antecipa o destacamento da formação de palavras como uma área disciplinar especial.

Oliveira, diferentemente de Sousa, Barros, Távora, Figueira, transforma o cânone: não usa o termo “acidência”, divide nitidamente a exposição da formação de palavras e da morfologia das partes de oração. Segue Varrão na distinção de declinações natural e voluntária. Caracteriza a formação de palavras e a flexão gramatical como declinação. À declinação voluntária atribui a formação de etnónimos, adjectivos denominais, substantivos e adjectivos deverbais, pares derivativos (dupletos gramaticais). Parece considerar algumas formações (advérbios em -mente, “nomes d’alguns officios mecanicos” em -eiro, “como pedreyro, carpenteiro, çapateiro”, alguns nomes deverbais, diminutivos e aumentativos) declinações naturais, mas, depois de vacilações, reconhece a flexão morfológica de artigos, nomes e verbos como declinação natural. Assim, a demarcação entre as declinações voluntária e natural está entre a formação de palavras e a flexão morfológica, embora esta delimitação ainda não seja muito nítida.

Marco Varrão divide as declinações em naturaes e voluntareas: volūtareas são as q̃ cada hũ faz a sua vontade tirãdo hũa voz doutra, como de Portugal portu-gues e de Frãça frãces, mas de Frandes framengo e de Galiza galego [...]. e tãbẽ dizemos sarnoso e não sarnẽto mas ao contriro chamamos ao cheio d’sarapulhas sarapulẽto e não sarapulhoso. E de pedras dizemos pedregoso, mas d’area areẽto [...]. de baçio dizemos baçia ã diverso genero, e de çepo çepa, e d’çesto çesta, e de baco baca, mas não de mesa meso, nẽ de casa caso, e posto q̃ dizemos bolo

e bola, nem por isso dizemos biscocoito e biscoita, nẽ paço e paça nem livro e livra [...]. e de pescado ou pescar dizemos homẽ pescador, e molher pescadeira, e barca pescaresca [...]. As declinações naturaes são mais sogeitas as regras e leis de cujo mandado se rege esta arte. [...] E assi diz Marco Varrão que a declinação natural e aquella q̃ não obedeçe a vontade particular de cada hũ mas q̃ é conforme ao comũ parecer de todos [...]. Depois q̃ dissemos em comũ o q̃ se nos ofereço nesta declinação natural. Vejamos particularmẽte dos artigos, nomes e verbos, cuja e esta mais propria. (OLIVEIRA, 1536, p. Dv-Dvj).

Expondo a problemática de formação de palavras nas secções “Das dições” e “Da analogia”, Oliveira acentua o seu papel no enriquecimento do dicionário. O gramático indica a correlação entre o nome e a coisa, toca a questão da relação semântica (motivação) entre as palavras primitiva/primária e derivada. A formação de palavras se analisa em conexão com modificações da forma e do conteúdo. O autor vê a base racional na produção de umas palavras de outras: a tendência de reflectir na palavra derivada a ligação das coisas na realidade extralinguística. Deste modo, Oliveira, prognosticando um lugar especial da formação de palavras entre as disciplinas linguísticas, mostra seu elo tanto à lexicologia, como à gramática.

Tiramos ou formamos hũas dições doutras ãa [*para*] abasteçer e fazer copiosa a nossa lĩgua e porq̃ nos não faltẽ vocabulos nas cousas [...]. porq̃ ũas cousas ou são ou pareceẽ chegadas a outras: ou tãbẽ desçendẽtes e espeças dellas assi isso mesmo fazem hũas dições q̃si como espeças p̃tiçipãtes doutras: e ã outras fazemos as formas semelhãtes e chegadas ã voz como tinteiro: pela vezinhẽça e trato que tẽ cõ tinta lhe poserão esse nome e velhiçe de velho porque e sua p̃pria [*própria*] e hõrada ou hõrado de hõrar; tẽ muita parte assi na cousa como na voz e a meu ver não digamos q̃ foy isto defeito de não acharẽ vocabulos: mas e conforme a bõa rezão q̃ aja e se guarde a semelhãça das cousas nas vozes e assi são mais claras e dizẽ melhor seus sinificados porq̃ a diversidade das vozes mostra aver diversidade nas cousas e tãbẽ a semelhãça por cõseguĩte das vozes faz entẽder q̃ as cousas não são deferẽtes (OLIVEIRA, 1536, p. Diiij v).

Roboredo desenvolve a tendência de destacar a formação de palavras como uma área linguística especial que está na junção entre a morfologia e a lexicologia. Separa a descrição da flexão morfológica e a formação de palavras, expondo-as em obras dedicadas a diferentes áreas. Em gramáticas apresenta

categorias das partes da oração, mostrando correspondentes morfemas flexionais portugueses e latinos, sem mencionar espécie e figura (ROBOREDO, 1619; ROBOREDO, 1625). À formação de palavras dedica o tratado *Composiçam, derivação e ortografia das vozes latinas*, provavelmente, a primeira obra na tradição europeia especialmente escrita neste tema (Roboredo, 1621). Incorporando o tratado da formação de palavras no dicionário, realça seu vínculo com a lexicologia. Mas não recusa definitivamente da conexão com a morfologia e no mesmo tratado lembra-se da derivação flexional nominal e verbal, “deixando pois a derivação dos Casos, Pessoas e Tempos, de que se tratta na Grammatica” (ROBOREDO, 1621, p. 8).

A organização do verbete do dicionário reflecte a formação de palavras, o destacamento das raízes ajuda a criar o dicionário baseado na ideia de família de palavras, diferentemente dos dicionários de Cardoso e B. Pereira (CARDOSO, 1570; PEREIRA, 1647). Serve de exemplo a entrada *Facio*: contém formas deste verbo latino, certas notas de carácter gramatical, explicação do significado do lexema latino, seus equivalentes portugueses e espanhóis, informação da compatibilidade do verbo latino com substantivos pertencentes a vários campos semânticos; uma notável parte do verbete está dedicada à derivação e composição do lexema. Roboredo dá uma lista completa de prefixos, e morfemas radicais que participam na formação de palavras novas (ROBOREDO, 1621, 136-137).

## 2.2 *Derivação e composição*

Sousa define nome primitivo e derivado, indica os tipos deste. A composição entende-se como a possibilidade de dividir a palavra em partes que têm seu próprio significado, só a prefixação se caracteriza como tal. Outros morfemas derivacionais, sufixos, não se reconhecem como partes significantes da palavra.

Primitiva que aliunde non derivatur. ut Rex. Derivativa que aliunde derivatur. ut Regina. Sunt autem derivativorum nominum differentie novem: Possessivum, Denōinativum, Diminutivum, Verbale, Participiale, Adverbiale, Compar[at]ivũ, Superlativũ, Patronimicũ (SOUSA, 1535, p. iij v). Quot sunt figure? Due. Simplex, que non potest dividi in partes significativas eius quod integrum significabat, ut Aptus. Cōposita que potes dividi in partes significativas eius quos integrum signifacabat. ut Ineptus (SOUSA, 1535, p. x v).

As primeiras gramáticas portuguesas também exibem a derivação e composição<sup>3</sup>. Oliveira difere “dições primeiras” e “tiradas”, “apartadas” e “juntas”<sup>4</sup>. Determina a palavra simples como indivisível. Distancia-se da tradição, como depois outros gramáticos portugueses, e não destaca um grupo específico de palavras formadas de compostas, não distingue classes de compostos dependendo dos câmbios do significado da palavra composta. Os autores da época só partem do critério formal, próximo à compreensão moderna: participação no ato da composição de mais de uma unidades. Oliveira marca vários graus da proximidade semântica de compostos a palavras de que provêm, escreve de mudanças fonéticas no processo da composição.

As dições tiradas a q̃ os latinos chamão dirivadas são cujos naçimētos vem doutras algũas dições dõde estas são tiradas, como tinteiro, velhiçe, hõrada (OLIVEIRA, 1536, p. Diiij). As dições apartadas a que os latinos chamão simprezes ou singelas são aq̃llas cujas partes não podẽ ser dições inteiras, mas dividẽse somēte em syllabas e letras. [...] As dições juntas as vezes guardão a mesma sinificação q̃ tinhão as suas apartadas, e as vezes tomão outra quasi semelhãte, e outras vezes muito diferēte; guardão a mesma sinificação como torvar e estorvar; tomão outra quasi semelhãte como guardar e resguardar, chegar e achar; são de todo diferētes como podar e apodar, pedir e empedir; e nam so diferentes, mas tãbem cõtrairas como fazer e desfazer, ãdar e desãdar [...]. As dições juntas as vezes se ajuntão de duas partes e as vezes de mais: de duas pella mayor parte, como empedir, encolher, d' mais como desempedir, desencolher e as mais não serão mais q̃ tres como são des. e .em. e pedir ou colher. As partes destes ajuntamētos ou todas guardão guardão a forma q̃ tinhão dantes ou não todas as guardão ou nenhũa dellas, todas como empedir, desempedir, não todas como aquelloutro, onde a premeira parte perde hũa letra .e. do cabo, e nenũa dellas fica enteira, como nelhures q̃ parece ser composto de composto de nenhũ e mais lugar , e algures outro tãto (OLIVEIRA, 1536, p. Cvij v-Cvijj v).

Barros, escrevendo da espécie, parece tocar a questão da denominação primária. A palavra simples compreende-se como indivisível em partes que significam, ao contrário da palavra composta (BARROS, 1540, p. 9, 20). O

<sup>3</sup> São muito importantes as observações de Coseriu sobre o significado das ideias de Oliveira neste âmbito (COSERIU, 2000, p. 47-50).

<sup>4</sup> Partindo da apologia, usa seus próprios termos, explicando-os por latinos (KOSSÁRIK, 2003, p. 101).

gramático indica a que partes da oração pertencem as palavras das quais é formada a composta, o número de palavras que podem participar na composição, exemplifica composições de dois nomes, verbo e nome, dois verbos, verbo e advérbio, nome e preposição.

Tem o nome outro aqidente a que os Grammaticos chamam especia, aqual e hũa divisam per que apartamos o nome dirivádo do primitivo, ou primeiro gerádo. Primitivo nome chamamos, aquelle que foy primeiro, sem haver hy outro donde nacesse ou se derivasse, assy como Cidade, Corte, Casa (BARROS, 1540, p. 7). Nome simples e aquelle, as pártes do quál estremádas hũa da outra nam sinificam cousa algũa [...]. Nome cõposto tem o cõtrario deste, porque partido e duas pártes, sempre per hũa dellas entendemos cousa algũa [...]. Nós fazemos a nósã cõ posiçã de dũas: e cõpondo hũ nome cõ outro dizemos redefõle de rede e fõle, arquibãco de árca e bãco. Compoêdo verbo e nome dizemos: torçicólo de torçer de cólo, Compoêdo hum verbo cõ outro dizemos: mordefuge de morder e fugir. Compoêdo verbo cõ averbio dizemos puxavãte de puxár e avante, Compoendo nome cõ preposiçã, dizemos tráspe de trás e pe (BARROS, 1540, p. 9).

Roboredo difere palavra simples e composta como indivisível em partes que significam e divisível em palavras. Vê a semelhança entre a derivação e a composição na possibilidade de revelar raízes (demonstra ao aluno procedimentos necessários para destacá-las) e formar palavras novas, enriquecendo o vocabulário; de uma palavra podem formar-se vários derivados. Assinala a ligação e diferenças semânticas entre palavras primitivas e derivadas, indica modificações morfológicas.

A composição das palavras, que os Grammaticos chamão figura, he uma união de duas, ou mais palavras, das quaes se compõi hũa. Antes da união se chama palavra simple, depois da união, Composta. Simple he aquella cujas partes divididas nenhũa cousa significão: como Eo, Pleo, Sero. Composta he aquella, cujas partes apartadas significão: como Transeo, Impleo, Dissero. Esta composição se faz, acrescentando ao principio da palavra ou hũa particula, como em Transeo, &c. ou duas, como em Pertranseo [...]. Faz se tambem Composição de duas palavras incorruttas: como Contradico, ou de duas corruttas: como Causidicus: ou de hũa corrutta e outra inteira: como Magnanimus [...]. A Derivação, q̃ os Grammaticos chamão Specie, he huã conveniente dedução de hũa, ou muitas vozes, que se dizem derivadas de hũa, q̃ se diz primitiva: assi como de hũa fonte

se derivão muitos rios: como por exemplo, desta voz primitiva, Erro, se derivão Error, Erratum, Erraticus, Errabundus, Errones. [...] entre a palavra Derivada, & Composta ha esta differença, que a Composta tem o diverso principio e o mesmo fim; pelo contrário a Derivada tem o mesmo principio e o diverso fim: como de Erro simple se faz, obverro composto; e do mesmo primitivo se faz Erratu derivado. [...] Achão-se corruttas no principio, e fim Auceps, Princeps, Miniceps, Particeps de Capiro. & porq̃ a mesma doutrina serve para os contrarios, ensinada a Composição, & Derivação fica clara a Investigaçõ do Simple, & Primitivo. & achando o Simple o poderás outra vez compor de muitos modos, & derivar do Primitivo hũa, & muitas palavras diversamente: & [...] poderás descobrir as letras radicais, que se não mudão, como por exêplo se te ocorrer esta voz Occurrebatis, tira esta syllaba, Oc, [...]: depois tira Ebatis, q̃ na Grammatica se ensina que se converte em O, e assi tês Curro, em que são letras immudaveis, Curr- as quaes verás nos dictionarios maiores. Donde alem da origem simple, & primitiva colherás [...] a propria significação das dependentes [...]. Per esta escada pois subindo, & descendo [...] adquirirás muito brevemente muito grande copia de palavras (ROBOREDO, 1621, p. 7-9). O Derivado contem a terminação, e significação algum tanto diversa do seu primitivo (ROBOREDO, 1621, p. 22]. Os derivados acabados em Arius, assinalão o que pertence aa significação do primitivo, ou do officio daquela materia, da qual se deriva (ROBOREDO, 1621, p. 24).

Estêvão exhibe conversão (derivação imprópria) e reduplicação sem definir termos. Descreve a formação não sufixal de advérbios deadjectivais e denominais. Marca a existência de vários modelos de formação de palavras (word formation models) dependendo do uso da palavra na função de substantivo ou adjectivo. Menciona a derivação de nomes denominais e deverbais, pronomes indefinidos “do adjectivo yecu” (um), descreve a reduplicação de diminutivos. Mostra a derivação de numerais, partitivos, adjectivos deverbais, etc. (ESTÊVÃO, 1640, 20-21, 38v-39, 81v, 82v).

De muytos dos nomes adjectivos, & substantivos desta lingua se formaõ adverbios, os quaes de ordinario se formaõ da terminaçaõ neutra [*aqui base primitiva*] como de amantu, ti, ta se forma o adverbio amanta, de auachitu, i, a, couza de improvizo, se forma auachita de improvizo [...], & sic de cæteris (ESTÊVÃO, 1640, p. 82). Sakhi, & gouai quando se tomaõ pellas testemunhas saõ indisciplinaveis, mas quando se tomaõ pello testemunho vaõ entãõ gouai por chouai, ie, & fakhi por bori, bory. [...] destes se formaõ hũs adjectivos, como de nhaĩ, nhaincho, y,

e, ounhaitulo, y, ã, couza do Rio, ou de dentro do Rio. [...] Por sunnẽ vaõ todos os nomes originados de verbos (ESTÊVÃO, 1640, p. 12-13v). Do adjectivo yecu, i, a, nascẽ os adjectivos Kei yecu, i, a, q̃ quer dizer algũa couza, em algũ; nascẽ tambẽ yeyecu, yeyequi, yeyeca, cada hũ por sy, tambẽ nasce yecalõ, i, ã, que quer dizer couza so, ou por sy so, tambẽ nasce, anniyeecu, i, a, que quer dizer outro, ou outrem (ESTÊVÃO, 1640, p. 19). Ha nesta lingua deminutivos que se fazẽ de algũs adjectivos aos quaes redobrando as primeiras duas syllabas ficaõ diminutivos, ut dhakulo, y, ã, quer dizer couza piquena, & dhakhu dhakhulo, y, ã, quer dizer couza pequenina, tanulo, y, ã, quer dizer couza tenra de crianças, Tanutanulo, y, ã, quer dizer couza muito tenrinha, idulo, y, ã, couza pequenina, iduidulo, y, ã, quer dizer couza muyto pequenina, et sic de cæteris nos quais puder vir esta conjunção (ESTÊVÃO, 1640, p. 81v).

### 2.3. *Distinção de prefixo e preposição*

Segundo o cânone, a prefixação qualifica-se como composição, mas na linguística renascentista se esboça a distinção de prefixo e preposição. Sousa, apresentando a prefixação na secção de construções, nota “preposições” só usadas na palavra composta.

Figure [verbi] quot sunt? Due, Simplex, ut Lego. Composita ut Inteligo (SOUSA, 1535, p. xxv). De compositione verborum cum prepositionibus. Prepositiones cum veniunt in compositione cum verbis (SOUSA, 1535, p. xliij). Prepositione semper composite. Sunt que non inveniuntur extra compositionem. Di, Dis, Re [...]. Diduco, Dissipo, Refero (SOUSA, 1535, p. lxxxviiij).

Oliveira escreve de especificidades e funções de prefixos diferentes de preposições<sup>5</sup>. Porém a falta da demarcação terminológica do prefixo, denomi-

<sup>5</sup> A ideia têm paralelos na gramática modista de Tomás de Erfurt: “Praepositio autem dupliciter componitur cum partibus: uno modo separaliliter, ita quod praeter compositionem potest dictionibus adiungi, et a dictionibus separari et sub proprio modo stare. Alio modo inseparabiliter; et sic non meretur dici Praepositio, nisi valde improprie, propter quamdam similitudinem, quam habet cum Praepositione in compositione complet, aut mutat, aut minuit, sic etiam istae, ut distraho, reprobo, regredior, et huius modi. Et ultimo est notandum, quod Praepositiones in compositione non sunt verae Praepositiones, quia per se nihil significant cum non sint per se dictiones, nec etiam per se modum significandi habent; sed adduntur aliis dictionibus” (Scotus, 1902, p. 138-139). (*A gramática de Tomás de Erfurt, durante muito tempo atribuída a João Duns Escoto, foi acessível à autora do artigo nesta edição. M.K.*)

nações “preposição”, “parte” (Oliveira), “dicção” (BARROS, 1540, p. 9, 20) revela que a formação da noção de prefixo como afixo derivacional ainda não está acabado.

Alghũas partes ou vozes temos na nossa lingua, a q̃es são partes por si, mas não sinificão cousa alghũa e por tãto não lhe chamaremos partes da oração ou da lingua como são o nome e verbo [...]; mas todavia fazẽ ajũtamẽto ou composição porq̃ de seu nascimento ellas são apartadas; mas tẽ por offiçio servir sempre em ajũtamẽto e nũca as achamos fora delle, e são estas as partes .re. es. e des. As q̃es se ajuntão assi .revender. estorvar. desconçertar. E porẽ em que não sinifiquem apartadas por si, fazem sinificar as dições com q̃ se ajũtão mais ou menos ou ã contraio (OLIVEIRA, 1536, p. Cvij v).

A posição de Roboredo nesta questão é tradicional: inclui a prefixação na composição (Roboredo, 1621, p. 7-8). No *Methodo grammatical para todas as linguas*, onde praticamente não toca a problemática da formação de palavra, de jeito nenhum distingue preposição e prefixo: “Preposição he palavra, que carece de Numeros, & rege Casos, a que se antepõĩ; e faz composição com outra palavra” (Roboredo, 1619, p. 68).

Só o tratado de Ferreira de Vera, que à primeira vista segue a concepção tradicional, mostra o início de enraizar-se a recusa de entender a prefixação como composição. Nomeando preposições “colhidas do latim”, o autor inclui prefixos nesta lista, mas escrevendo do prefixo românico e dos verbos formados com ele, afirma que não podem considerar-se compostos. A modificação da terminologia, o uso do termo “preposição compositiva”, comprova a tendência de diferenciar prefixo e preposição.

R [...] se pronuncia quase como dobrado [...] se a dicção, que começava em r, se compós com algũa das preposições, pre, ou pro: como prerogativa, prerogar (VERA. 1631, p. 16v). Fazem composição as preposições, ou particulas seguintes, que temos colhidas da lingua Latina [...]. As preposições são estas: A, Ab, Ad, An, Con, De, Des, Dis, En, Ex, In, Inter, Ob, Per, Pro, Pos, Re, Se, Sub, Trans, Sobre [...]. aquelle, A, he propriamente nosso, com que formamos os verbos, que o querem: como quando dizemos, de manso, amansar, de pedra, apedrejar; de noite anoitecer; de cabo, acabar, de proveito, aproveitar: de puro apurar [...]. Os quaes são simpleses, & não compostos [...]. Outras [letras] dobrão per composição [...]. O que se faz mudandose a derradeira letra da preposição compositiva em outra

tal, como a primeira do verbo, ou nome composto: como irracional, corromper, agravar, appetite, &c. (VERA, 1631, p. 29-29v).

A análise ajuda caracterizar a época estudada como etapa de estruturação do importante conceito linguístico – significado. 1. Significado lexical, o único ao qual se aplica desde a antiguidade clássica o termo “significado”, é por isso que a palavra se considera indivisível em partes que significam. 2. Significado gramatical, relacionado com o destacamento de morfemas flexionais, elaborado empiricamente no processo da descrição da língua, ainda não tem termo especial. 3. Significado derivacional está a engendrar-se, reflete-se na ideia de funções iguais de afixos na formação de palavras e novas interpretações da derivação e composição.

#### ***2.4. Modelos e regras da formação de palavras***

Oliveira marca que palavras diferem na faculdade de servir como base da derivação, na usualidade, na proximidade de derivados a formas derivantes. Também escreve da diversidade de modos de formar palavras semanticamente similares; nota diversa compatibilidade de morfemas derivacionais com bases; realça diferenças semânticas de palavras formadas da mesma base com distintos afixos. O gramático revela dissemelhanças na produção de nomes sufixais de género feminino e masculino, de nomes que designam pessoa ou não-pessoa, expõe vários modelos de formar nomes deverbais. Toca a questão de família de palavras.

hũas [vozes] não formão d’si nada, e outras se podẽ multiplicar; e alghũas pareçẽ a suas primitivas ou pmeiras dõde deçẽdẽ e outras não e outras muito e muitas menos. e alghũas formações tẽ melhor sõ ou musica q̃ outras e são mais usadas [...]. d’Arabia arabigo, mas de Persia persio e de Asia asião e da India indio, e tãbẽ [...] de pedras dizemos pedregoso, mas d’area areõto [...]. os nomes verbaes assi tãbẽ são diferentes, porq̃ de ler dizemos lição e de orar oração, mas de amar e honrrar dizem amor e hõrra [...] e não somẽte os tirados de diversas partes são diferẽtes mas tãbẽ vindos dhũa mesma parte como de capitão dizem molher capitoa e não capitaina, e de pescado ou pescar dizemos homẽ pescador e molher pescadeira, barca pescaresca (OLIVEIRA, 1536, p. Dv v-Dvj). tẽ principio as dições em os generos como livro dõde se tirão livreiro e livraria, e como porta donde porteiro e portaria (OLIVEIRA, 1536, p. Dv v).

Barros aprecia a produtividade dum modelo de formação (substantivação do infinito típica do português), dá exemplos da formação de verbos “aumentativos”.

Podemos também dizer serem nomes verbais todos os infinitivos do presente tempo, pois lhe seu artigo com que fica nome. E por este modo, soprimos muitos nomes, que desfalecem em nossa linguagem e a latina tem (BARROS, 1540, p. 8). Aumentativos são aqueles que significam aumento e continuo acrescentamento daquilo que os seus primitivos significam: como de branquejar embranquecer, de negrejar enegrecer, de verdejar enverdecer, de doer adoecer, e de trener estremeçar (BARROS, 1540, p. 19).

Nunes de Leão, para comprovar a riqueza da língua materna, exhibe amplas listas de lexemas pertencentes a uma família de palavras (até 19 palavras da mesma raiz).

de ferro, ferreiro, ferraria, ferrar, ferrador, ferradura, ferramêta, ferragem, ferrencho, ferrolho, ferrão, ferrugem, afferrolhar, ferropia (LEÃO, 1576, p. 39). a língua Portuguesa [...] he mais larga & copiosa [do que a latina], formando de hum vocabulo muitos [...]. De terra. Terreiro, terrestre, terreno, enterrar, desenterrar, soterrar, terrado, terreo, terreal, terremoto, soterraneo, desterrar, desterrado, conterraneo, terrantes, terrão, enterreirar, terradego, territorio (LEÃO, 1606, p. 122-123).

Roboredo baseia seu dicionário latino na ideia da família de palavras e mostra aos alunos exemplos de modelos (Roboredo, 1621), como já foi dito.

Os missionários também atendem ao tema. Figueira, descrevendo a formação de nomes deverbais em tupi, indica o verbo derivante, formantes e significados de palavras derivadas. Uma seção especial da obra expõe fenômenos fonossintáticos no processo da formação de nomes deverbais em correspondência com os finais das bases verbais.

Estes verbaes são commumente em tres maneiras; huns acabados em Ara, ou Ana: outros acabados em Aba. Os terceiros em yra. Assi como do verbo Ajucá. Iucaçara, o matador. Iucaçaba, o instrumento, ou lugar, ou tempo, ou modo de matar. Ijucapyra, a cousa morta (FIGUEIRA, 1621, p. 37). A formação destes verbaes ensinará melhor o uso, mas com algumas regras se dará noticia della. For-

maõse todos da terceira pessoa do presente do Indicativo. Primeira regra. Todos os verbos acabados nas letras seguintes, A, e, i, o, u, ã, ê, ï, õ, û, ão diphthongo, formaõ seus verbaes, acrescentando â 3. pessoa do presente as dições Çara, çaba: ut Iucà, Iucaçàra, Iucaçaba. Exceiçaõ. Tiraõse algũs acabados nas letras E, i, o, u, ut Aimoing-é, moing-eara, moing-eába. [...] Segunda regra. Todos os verbos acabados na letra N, & nos diphthongos com til, ãi, ãj, õi, õi, formaõ os verbaes em Dara, Daba (FIGUEIRA, 1621, p. 63v-64).

Estêvão enfatiza a relação semântica de derivante e derivado, explicita o intento de evidenciar modelos de formação de palavras e mostra alguns, toca o tema da produtividade de modelos que não encerram todas as palavras.

Ha hũ modo de adjectivos de que uzaõ nos numeros quebrados. Por hũ & mejo, dizê deddu, i, a, [...], por dous & mejo dizem addaicha, y, ã [...] & assy vay correndo pera tudo quanto deste theor na oraçaõ se offereçe [...] Destes nomes de numerar do segundo pera cima se formaõ hũs adjectivos, que formaõ a lingoagê de segundo & de terceiro, &c., ut de doni sê forma, dussaro, y, ê, de tini, tissaro, y, ê [...], & de cinco pera diante acabaõ todos os adjectivos em, auo, ut panchauo, y, ê, fauo, y, ê com declaraçaõ que do segundo pera cima se poê antes os tais adjectivos a particula, yeca, ut Yecauissaua Varusta, no anno Vizessimo primo [...], & assy mesmo vaõ correndo de dez, em dez ate Cento, mil, & os mais numeros que quizerê, & dobrando a primeira syllaba de cada qual dos tais adjectivos fica formando a lingoagê de cada dez, [...] vinte, &c. ut dhadhauea Varussa, em cada dez annos, & assy dos mais (ESTÊVÃO, 1640, p. 20-21). et sic de cæteris, em ã as tais particulas podê governar que o uzo insinara por que nê em todos os nomes podê ellas vir (ESTÊVÃO, 1640, p. 80v). de muitos destes ablativos se formaõ, & nascê nomes adjectivos, ã tê a mesma significaçaõ ã elles, ut de gharĩ vê gharincho, y, ê, couza de caza (ESTÊVÃO, 1640, p. 17-17v).

### 3. Aplicação das ideias de norma ao léxico

Os monumentos portugueses elucidam o processo de separar aspectos gramaticais e léxico-semânticos da palavra na linguística renascentista. A classificação de Prisciano inclui dois tipos de classes de nomes: léxico-gramaticais e léxico-semânticas.

Aliae fere omnes species in nominibus inveniuntur appellativis, sunt autem hae: adjectivum, ad aliquid dictum, gentile, patrium, interrogativum, infinitum, relativum vel demonstrativum vel similitudinis, collectivum, dividuum, facticum, generale, speciale, ordinale, numerale, absolutum, temporale, licale. hae species commune sunt et principalium [id est primae positionis] nomen et derivatorum. propriae autem derivatorum sunt hae: patronymicum, possessivum, comparativum, superlativum, diminutivum, denominativum, in quo intellegimus cum multis aliis etiam comprehensivum (de quibus in loco dicemus), verbale, participale, adverbiale (KEIL, 1855, p. 59-60).

Os gramáticos portugueses, pelo contrário, quase não tocam o tema de classes léxico-semânticas. Oliveira alude-as a única vez, explanando diferenças em designações de ofícios e oficinas. Barros só escreve de nomes gentílicos. Sousa menciona patronímicos e escreve especialmente de verbos incoativos, meditativos, desiderativos, frequentativos, meditativos só indicando a regência: Genitivo com “verba estimandi e verba accusandi”, Dativo com “verba acquisitiva”, “imperandi et nunciandi, obsequij & repugnantie”, etc. (SOUSA, 1535, p. lxxij-lxxiii v). Vemos o mesmo na gramática de Álvares (ÁLVARES, 1572). Anchieta e Figueira mencionam classes léxico-semânticas de nomes só no caso de terem algumas particularidades formais ou funcionais.

Em nomes de hervas, frutas, animaes, materiaes, começados por t, não se muda o t em r [...]. Em nomes de animaes não se soe pôr antes o adjectivo, ou genitivo, ut tapiíra, vacca, não se diz xetapiíra, minha vacca, senão xereimbábatapiíra [...]. Os começados por t, que significão partes do corpo ou cousa tocante a homem, quando são absolutos, se entendem cõmmummente de homens, ut tetê, absolute quer dizer corpo humano [...]. O mesmo é nos de parentesco, ut tamuya, absolute, avo de homens (ANCHIETA, 1595, p. 14v-15). Ajuntaõse a estes todos os nomes de animaes, de frutas: de ervas, de materias: os quaes todos quando se começam por T, ou não, mudão, & tomaõ i, por relativo. ut Tapijra, a Anta: Tagoã, o barro vermelho: Taiaóba, a cove (FIGUEIRA, 1621, p. 41v).

Os monumentos filológicos portugueses evidenciam o aparecimento de novas atitudes à classificação do léxico. Oliveira na primeira experiência da codificação do vernáculo, de acordo com os objetivos da obra (normalização, seleção das variantes exemplares em vários níveis do sistema linguístico) expõe a problemática lexicológica muito vasta, ultrapassando os limites da gramática

propriamente dita. Presta atenção às questões fonéticas da palavra, a sua formação, caracteriza o vocabulário das posições de câmbios históricos, usualidade, semântica lexical, motivação. Classifica o léxico, determina e exemplifica as classes destacadas.

Oliveira indica as mais importantes fontes do léxico português. Considera “nossas dições” a base do vocabulário primordial: palavras originárias latinas e empréstimos antigos, arraigados em português e adotadas pelo sistema.

nossas dições são aquellas que naçerão âtre nos ou são ja tam antigas que não sabemos se vierão de fora [...]. E não so latinos mas gregos, arabigos, castelhanos, françeses e toda qnta outra immundiça poderem ajuntar [...] os qes como nossos os avemos de tratar e pronunçiar e cõformar ao som da nossa melodia e ao sentido de nossas orelhas (OLIVEIRA, 1536, p. Ciiij-Cv).

Explica empréstimos (“dições alheias”) pela chegada de novos objetos e hábitos.

As dições alheas são aqllas q doutras linguas trazem’ a nossa por algũa neçessidad’ d’ costume trato arte, ou cousa algũa novamente trazida a terra: o costume novo traz a terra novos vocabulos (OLIVEIRA, 1536, p. Cv).

Aponta a existência de internacionalismos (“dições comuns”).

Dições comũs chamamos aqllas que em muitas linguas servem igualmente e o tempo em que se mudarão dhũa lingua para outra fica tão lõge de nos que não podemos façilmente saber de qual para qual lingua se mudarão [Oliveira 1536: Cvjr].

Atentando-se em neologismos (“dições novas”), Oliveira toca a problemática da designação. Acha que palavras não se criam completamente de novo, que nomeações têm certas bases. Vê meios de criar novas palavras em onomatopeias e na derivação. Explica a criação de derivados pela necessidade de sinalar a semelhança de coisas.

As dições novas são aquellas q novamente ou de todo fingimos ou em parte achamos [...]: de todo chamo quãdo não olhamos a nenhũm respeito se não ao que nos ensina a natureza p̃ o que teveram liçença os premeiros homẽs quando

nomearão. [...] nos jagora ã fazer vocabolos de todo [...] não temos mui franca liçença [...]. Achar dições novas em parte he quãdo para fazer a voz nova [...] nos fundamos em algũa cousa como em bombardas que e cousa nova e tem vocabolo novo o qual vocabolo chamarão assim por amor do som que ela lança que he quase semelhante a este nome bombardas [...] e daqui também tiramos estoutro isso mesmo novo esbombardear (Oliveira, 1536, p. Dj v-Dij v). As dições ã chamamos primeiras chamão os latinos primitivos, estas são cujo naçimẽto não proçede doutra parte mais ã da vôtade livre daçlle que as primeiro pos [...]. As dições tiradas a ã os latinos chamão derivadas são cujos naçimẽtos vem doutras algũas dições dõde estas são tiradas, como tinteiro, velhiçe, hõrada (OLIVEIRA, 1536, p. Diiij v). As dições apartadas a que os latinos chamão simprezes ou singelas são aqllas cujas partes não podẽ ser dições inteiras, mas dividẽse somẽte em syllabas e letras (OLIVEIRA, 1536, Cvij v). As dições juntas as vezes guardão a mesma sinificação ã tinhão as suas apartadas, e as vezes tomão outra quasi semelhãte, e outras vezes muito diferẽte; guardão a mesma sinificação como torvar e estorvar; tomão outra quasi semelhãte como guardar e resguardar, chegar e achegar; são de todo diferẽtes como podar e apodar, pedir e empedir; e nam so diferentes, mas tãbem cõtrairas como fazer e desfazer, ãdar e desãdar (OLIVEIRA, 1536, Cviiij).

A concepção da norma, elaborada por Oliveira<sup>6</sup>, de suas bases territorial, social e funcional, determina a atitude do gramático a arcaísmos e neologismos. Avalia negativamente “dições velhas”, características de dialetos arcaizantes do Norte.

As dições velhas são as que forão usadas , mas agora são esqçidas [...] as orelhas nã consintem a musica e vozes fora de seu tempo e costume [...]. O uso destas dições antigas diz Quintiliano traz e da muita graça ao falar qndo he temperado e em seus lugares e tempos: a limitação ou regra sera esta pella maior parte que das dições velhas tomemos as mais novas e ã são mais vezinhas de nosso tempo [...] muitas vezes algũas ã ha pouco são passadas são ja agora muito avorrecidas [...] se [...] as meteremos em ão dhũ homẽ velho da beyra ou aldeão não lhe pa-reçerão mal, mas também não sejão muitas [...] se essas dições antigas [...] forem

---

<sup>6</sup> Esta concepção, à qual estão dedicados vários estudos (BUESCU, 1984; Coseriu 2000; LEITE, 2011, entre outros, bem como os da autora deste artigo: КОСАРИК, 1995; КОССАРИК, 1990; 2002, p. 22-23; КОССАРИК, 2003, p. 105-112; КОСАРИК, 2013, p. 95-121), aqui não é o alvo da análise especial.

sobejas faram muito grande disonância nas orelhas de nossos tẽpos e homens (OLIVEIRA, 1536, p. Cvijj v-Dj v).

Oliveira refuta o uso de neologismos sem indícios de seu caráter neológico. Explica a passagem do neologismo ao léxico comum pela crescente usualidade da palavra, enquanto o decréscimo do uso sinaliza desgaste do vocábulo (OLIVEIRA, 1536, p. D-Di v). As “dições usadas” são, segundo Oliveira, o sustentáculo do léxico.

logo desque bem forem fingidos ou achadis os vicabulos o uso deles se fara com muitos resguardos [...], o premeyro ã desses vocabulos novos tomemos os mais velhos [...]. E outro resguardo seja que com serem mais velhos sejam sejam tambem mais usados e ameadados, e o uso delles seja aprovado por aquelles ã mais sabem; estoutro resguardo no uso das vozes novas ã sempre as salvaremos cõ alghũ sinal d’estes [...] como dizẽ, porã assi diga [...]. As dições usadas são estas ã nos servem a cada porta (como dizẽ) estas digo ã todos falão e entende as quaes são proprias do nosso tẽpo e terra: e quẽ não usa dellas e desentoado fora do tom e musica dos nossos homens dagora (OLIVEIRA, 1536, p. Dij v).

O traço de boa fala é o primordial uso de palavras no significado principal (“dições proprias”); empregam-se no significado trasladado só em casos especiais.

Dições proprias chamamos aq̃llas ã servẽ na sua primeira e prinçipal sinificação [...] tẽ a prinçipal p̃te de bõa e clara linguagẽ [...]. As dições mudadas a ã os latinos chamão trasladadas são as ã por neçessidade ou melhoria d’sinificação ou voz estão fora de seu proprio sinificado e ou estão ã lugar doutra dição ã não era tã bõa p̃a nossos intẽto, ou estão õde não avia dição propria (OLIVEIRA, 1536, p. Dijj).

Como vemos, Oliveira assenta a classificação do léxico nas ideias da norma conforme aos fins de sua obra – apologia e codificação da língua materna. Um dos objetivos principais da fixação da norma, inclusive a norma lexical, é a seleção de variantes “corretas”, modelares. Atendendo a este aspecto, Oliveira, além de reflectir a subsistência da variação na língua do século XVI, demonstra diferenças do grau da imperatividade da norma em vários níveis do sistema linguístico. As regras que fixam a fonética e ortografia na maioria

dos casos estão formulados como a rigorosa fixação do fenómeno sem admitir oscilações. As regras relacionadas com a formação de palavras e a morfologia já parecem menos rígidas. E nos capítulos dedicados ao léxico achamos recomendações gerais em vez de regras. Assim, dando exemplos de “dições velhas” e por isso censuradas, em uns casos o gramático julga possível o uso de arcaísmos (OLIVEIRA, 1536, D-Dij v). Aliás, é nesta classe lexical que se realiza maiormente a seleção de variantes. Provavelmente, na primeira etapa da codificação a separação do léxico anacrónico, em desuso, amiúde dialectal, tenha uma especial importância.

A atenção à variabilidade não só se revela na classificação do léxico. O gramático admite a existência de diversos jeitos de exprimir significados derivacionais (“etnia”, “pessoa de certa profissão”, “oficina”), mas rejeita a variação de modelos ao nível de lexemas concretos, aceita só uma versão de cada designação.

d’Grecia ã fez grego mas de Gocia, nome não mui diferẽte destoutro Grecia, fizemos godo e não gogo como grego, e d’Arabia arabigo, mas de Persia persio e de Asia asião e da Índia índio, e tãbẽ dizemos sarnoso e não sarnẽto, mas ao contrairo chamamos ao cheo d’sarapulhas sarapulhẽto e não sarapulhoso e de pedras dizemos pedregoso, mas d’area areẽto, e de po nẽ poento nẽ pooso, mas ã outra figura e sinificação ãpoadado [...]. alghũas espeças de dições tiradas, como sã os nomes dalghũs offiços mecanicos [...] pella maior parte acabã nesta terminação .eiro. como pedreiro, carpinteiro, çapateiro e [...] das offiças ou lugares desses offiços cujos nomes acabarã em .ria. [...] como ourivezaria, çapataria, carpintaria (OLIVEIRA, 1536, p. Dv v-Dvj v).

Oliveira atenta à variação social e territorial do léxico.

os cavaleiros ã tẽ hũs vocabulos: e os lavradores outros: e os cortesãos outros: e os religiosos outros: e os mecanicos outros, e os mercadores outros: ou tãbẽ se faz ã terras esta particularidade porã os da beira tem hũas falas e os Dalentejo outras: e os homens da estremadura sã diferentes dos dantre douro e minho: porã assi como os tẽpos assi tãbẽ as terras criã diversas cõdições: e cõçeitos: e o velho como tẽ o entender mais firme cõ o ã mais sabe tãbẽ suas falas sã de peso e as do manço mays leves (OLIVEIRA, 1536, p. Dij v). se estas e quaesquer outras semelhantes as meteremos em mão dhũ homẽ velho da beyra ou aldeão não lhe parecerã mal (OLIVEIRA, 1536, p. Dj v).

#### 4. Engendração do historicismo no âmbito da lexicologia

A apresentação na primeira gramática portuguesa de neologismos e arcaísmos, do conservadorismo dos dialetos do Norte, de formas antiquadas que demonstram a variação sinaliza a compreensão já formada do historicismo, da mutabilidade da língua. Dão impulso ao desenvolvimento destas ideias a apologia da língua materna que fomenta o estudo da correlação entre o latim e o vernáculo, coloca a tarefa de sua ilustração e da descrição gramatical, um dos objetivos da qual é a escolha de variantes normais. Estas são as posições das quais Oliveira toca o tema de câmbios históricos no léxico. Categoriza arcaísmos conforme o grau do envelhecimento: palavras 1. já incompreensíveis; 2. que permanecem em dialetos e linguagem popular rural; 3. em desuso, mas que ainda podem empregar-se na fala normal. Liga o desgaste do léxico com o desaparecimento de coisas e explica a divulgação de novas palavras, por emprestarem-se coisas novas que vêm junto com seus nomes. Escreve de modificações semânticas, considerando a formação de um significado metafórico uma etapa da história do lexema. Oliveira explicita a recusa de etimologias no estilo “platónico”.

ora poys se como adevinhando dixeramos que homẽ se chama porç e o meyo de todas as cousas ou porç esta no meio do mal e do bem, e se dixeremos ç molher se chama porç e molhe e velho porque vio muito [...] e tẽpo porque tẽpera as cousas [...]. E passaro porque passa voando [...] e assi comestas podemos tambem cuydar outras dozentas patranhas, as quaes semp̃ são sobejas e muytas vezes falsas e pouco recebidas antre homẽs sabedores ç do pouco ç com muyto lendo e trabalhando aquerirão se prezão e não de imaginações aldeãs sem juyzo (OLIVEIRA, 1536, p. Ciiij v-Cv).

Outros autores seiscentistas também aludem mutações lexicais (bem como fonéticas e morfológicas). Barros, apesar de não expor a problemática lexicológica tão detalhadamente como Oliveira, escreve de “algũas palávras que achamos per escrituras antigas, as quães o tempo leixou esquecer” (BARROS, 1540, p. 56). Magalhães de Gândavo relaciona mudanças no léxico com a necessidade de novas nomeações.

Mas como a gẽte pelo tẽpo adiãte fosse ã crecimẽto, & os homẽs tevesse necessidade de exercitarẽ esta lingua ã varios negocios, cada vez a forão mais appurando

descobrimo nella outros vocabulos que ainda que não são latinos como estes antigos que atras deixamos, todavia soam melhor aos ouvidos da gente polida, & são mais proprios & accomodados pera significarem aquillo que queremos, que outros, que haja em nenhũa lingua (GÂNDAVO, 1574, p. C8-C8v).

Nos séculos XVI e XVII a ideia de câmbios linguísticos começa a compreender-se como característica universal de qualquer língua, inclusive o latim, culminando na obra de Severim de Faria (KOSSARIK, 2015, p. 190-192). Um dos aspectos que interessa este autor é a distinção do léxico românico e latino. Caracteriza como portuguesas palavras ausentes no latim, mas derivadas das bases latinas e parece que não considera latinas as palavras, cuja semântica difere dos significados dos étimos latinos.

Dos verbos seja exêplo esta acção, de reduzir hũ livro a menor leitura, ã dizemos por sete verbos, ã são: *Abreviar, Recopilar, Resumir, Epilogar, Epitomar, Cõpêdiar, & Encurtar*. E os Latinos tẽ sô: *Abbreviare*, & o mais dizẽ por frases. E nẽ por estes nossos verbos serẽ dirivados de nomes Latinos, se pôdẽ chamar tambẽ Latinos, pois os Latinos não averbãrão estes nomes, & os Portugueses sim. Dos nomes seja demonstração o nome *Adagio*, ã he o mesmo ã, *Proverbio, Rifaõ, Exêplo, Sêtêça, Ditado, & Anexim*. Dos quaes vocabulos os Latinos não tẽ neste sêtido mais de dous, ou tres (FARIA, 1624, p. 73v-74).

As obras de Nunes de Leão, que apresentam vários aspectos da história do português, marcam uma importante etapa do desenvolvimento da ideia de câmbios linguísticos: a consolidação da atitude histórica à língua e a engendração da etimologia científica.

Já na *Ortografia* (Leão, 1576) o autor justifica suas recomendações apoiando-se nas mudanças fonéticas do latim para línguas românicas. É notável que este tratado tem elementos que o aproximam ao dicionário ortográfico: listas de palavras em ordem alfabética apresentam ortogramas recomendados. Este tipo de apresentação testemunha a elaboração dos princípios do dicionário ortográfico, apesar de as listas ainda serem pequenas, organizadas por dificuldades, contrapondo-se grafias corretas e incorretas. Aliás, a codificação latinizada de Nunes de Leão nem sempre é exitosa.

*Reformação de algũas palavras que a gente vulgar usa & screve mal.*

Erradas

Emendadas

Acipreste dignidade	Arcipreste	
Acipreste arvore	Cipreste	
Acolá	Aqualá	
Acupar	Occupar [...]	
Baixo	Baxo	
Barrer	Varrer [...]	
Veador	Veedor	(LEÃO, 1576, p. 69v-71v)

*Vocabulos que servimose com diferentes letras, teem diferente significação*

Aço ferro fino	Asso a carne [...]
Acude verbo	Açude, de moinho [...]
Vaso de prata, ou barro	Vazo entorno, ou derramo

(LEÃO, 1576, p. 69v-71v)

No segundo tratado (Leão, 1606), já completamente dedicado à história da língua, estudam-se fontes do léxico português. Seguindo a linha de Oliveira, Nunes de Leão correlaciona a história e o estado contemporâneo da língua: indica as mesmas causas do aparecimento de neologismos e arcaísmos; destaca semelhantes etapas do envelhecimento de palavras; atende à semântica de empréstimos, que considera o principal recurso do enriquecimento do léxico. Os dados acumulados para o século XVII possibilitam indicar, entre os idiomas-fontes de empréstimos, além do latim que continua considerar-se a principal reserva do enobrecimento da língua materna, novas fontes – línguas dos territórios descobertos. Porém a fundamental inovação de Nunes de Leão é a consciente atitude histórica a língua, um dos resultados da apologia. Os monumentos possibilitam observar como se amplifica a temática, que nasce da apologia do vernáculo. Na obra de Oliveira, embora ele escreva que “nestas [nossas dições] a grāmatica manda saber donde, quando porq̃ e como forão feytas” (OLIVEIRA, 1536, p. Ciiij), predomina a ideia da norma, a concepção da qual elabora. Nunes de Leão parte da noção do historicismo, e seus tratados estão nos alvares da descrição histórica de línguas românicas. Isso permite-lhe criar o primeiro ensaio do dicionário etimológico<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Não toco discussões da prioridade das obras de Nunes de Leão e de Aldrete (ALDRETE, 1606): para a historiografia linguística é mais importante o estudo de etapas, da formação de ideias, de paradigmas científicos (KOSSARIK, 2016, 2017).

Determina o êxito desta experiência a atenção aos câmbios fonéticos. O autor dos XVI e XVII antecipa a ideia das leis fonéticas do século XIX, escrevendo que a “corrupção<sup>8</sup> per troca de hũas letras por outras he mui comũ, & ã cõprendẽ as mais das palavra”, que “hã hũas certas letras que quasi sãpre respondẽ a outras”. Nunes de Leão exhibe correspondências regulares entre o latim e várias línguas românicas, reflecte os principais processos no vocalismo e consonantismo: fechamento, abertura e nasalização de vogais, metafonía, sonorização e queda de consoantes, palatalização de g, l, n (LEÃO, 1576, p. 10-17; LEÃO, 1606, p. 57). Expõe transformações fonéticas regulares na passagem do latim a português: a > e, embora sem tocar diferenças posicionais de câmbios (“de alacris, alegre”, “de factus, feito”); au > ou (“de caulis, couve”, “por Autumnus, outomno”); -p- > -b- (“capra, cabra”, “capillus, cabelo”); -x > -z (“de nux, noz”, “de pax, paz”, “de vox, voz”, entre outros; exemplifica casos de metáteses (LEÃO, 1576, p. 25-26). Não se limitando à demonstração das correlações entre o latim e o português, o autor da *Orthografia* exhibe o paralelismo entre diversas espécies da fala românica da Península Ibérica: português, seus dialetos do Norte, galego, castelhano.

<i>Latino</i>	<i>Italiano</i>	<i>Castelhano</i>	<i>Portugues</i>	
clamare	chiamare	llamar	chamar	
clavis	chiave	llave	chave	
flamma	flamma	llama	chama	
plaga	piaga	llaga	chaga	
planus	piano	llano	chão	
plenus	pieno	lleno	cheio	
pluma	piuma	pluma	chumaço	
plūbum	piompo	plomo	chumbo	
pluvia	pioggia	lluvia	chuva	
pluit	piove	llueve	chove	
plantago	plantagine	llantén	chantagê	
amarunt	amarono	amaron	amarão	(LEÃO, 1576, p. 29v

Traspassaõse as letras de hum lugar a outro, como foi em fenestra, porque dizemos freesta, de capistrum cabresto, por feria feira, por vicario vigairo; & como em sylvester porque dyzemos sylvestre (LEÃO, 1606, p. 35-36). Teem outro si

<sup>8</sup> Da compreensão do historicismo e do conceito “corrupção” na época (BASTOS, PALMA, 2017; KOSSARIK, 2002; KOSSARIK, 2003; KOSSARIK, 2015; КОСАРИК, 2013).

esta letra b algũa semelhãça com o u consoante. Porque assi na lingoa Latina, como na nossa, muitas vezes se muda o b em v como nesta palavra composta de ab & fero, porque dizẽ os Latinos aufero, & de ab & fugio, aufugio. E nos dizemos absente, & ausente [...] & de faba, dizemos faua, e de tabula, tauoa [...]. O que muito mais se vee nos Gallegos, & em algũs Portugueses d'entre Douro & Minho, que por vós, & vósso dizem bos, & bosso, & por vida, dizé bida (LEÃO, 1576, p. 4). sempre onde a Castelhana diz an ou on, que he sua partucular terminação, responde a Portuguesa com aquella pronunciação ão que succede em lugar da antiga terminação dos Portugueses de om ã punhão em lugar do an ou on dos Castelhanos. A qual ainda agora guardão algũs homens d'entre Douro & Minho, e os Gallegos que dizem fizeram, amaram, capitom, cidadom, taballiom, appellaçom. O qual respeito & analogia se guardão em muitas palavras, hũas lingoa a outras, como se vee nas linguas Latina, Thoscana, Castelhana, & Portuguesa (LEÃO, 1576, p. 29).

Nunes de Leão aproxima-se à compreensão moderna da etimologia<sup>9</sup>. A importantíssima inovação consiste na recusa de entender a designação como reflexo de propriedades da coisa, que motiva o signo linguístico. O autor da *Origem* muda a finalidade da etimologia, substituindo a procura dos fundamentos da nomeação pelo estudo da história real de palavras com o objetivo de pesquisar origens do léxico português. O conhecimento da história externa da língua<sup>10</sup>, de câmbios fonéticos e da semântica da palavra são três componentes que possibilitam revelar correlações entre a palavra e seu étimo. Este conjunto causa o sucesso: uma grande parte das 1662 etimologias propostas por Nunes de Leão é correcta. O autor do tratado dedicado à origem da língua portuguesa dá listas de palavras que entraram em português do latim, grego, árabe, francês, italiano, godo, hebreo, alemão. Uma notável parte do tratado esboça um ensaio o dicionário etimológico, diferindo-se dele pela apresentação (o léxico divide-se por línguas-fontes).

*De algũs vocabulos Portugueses tomando dos Latinos, que pella corrupçãõ  
que se delles fez estaõ obscuros [...]*

<sup>9</sup> Não tocamos aqui as especificidades do emprego deste termo em várias etapas da história da linguística.

<sup>10</sup> Nunes de Leão menciona factos históricos da época romana e até pré-romana, do Medievo e do período contemporâneo.

Agora	de hac hora [...]
Ancho de amplo mutata muta cum liquida in ch [...]	
Quente	de caleo, es, quasi calente (LEÃO, 1606, p. 53-58). <i>Dos vocabulos que os portugueses tomaraõ dos arabes [...]</i>
Açafrõ	Zaafaram
Aljofar de julfar, ilha de Ormus, lugar onde le pesca (LEÃO, 1606, p. 61-64). <i>Dos vocabulos que os portugueses tomaraõ dos Franceses [...]</i>	
Dama por senhora	dame. [...]
Embaixador	embassadeur <sup>11</sup> (LEÃO, 1606, p. 69-76).

A noção moderna da etimologia junto com a compreensão da mutabilidade da língua, que parece universalizar-se (KOSSARIK, 2015, p. 189-192), assinala o início da atitude histórica à língua na linguística dos séculos XVI e XVII.

## **5. Aspectos lexicológicos do discurso**

Mais um rasgo inovador da linguística dos séculos XVI e XVII é a atenção ao discurso, inclusive aspectos lexicológicos. Na tradição portuguesa as primeiras obras, cujos autores apresentam palavras discursivas e dão exemplos do seu emprego, são gramáticas missionárias e a primeira gramática do português para estrangeiros, que descrevem línguas estrangeiras vivas para ensinar a comunicação exitosa (ANCHIETA, 1595; FIGUEIRA, 1621; ESTÊVÃO, 1640; PEREIRA, 1672). Não se toca aqui este aspecto, sem o qual o estudo da problemática lexicológica não poderia considerar-se completo, porque o tema está presente num outro artigo da autora (KOSSARIK, 2016).

## **Conclusão**

1. Gramáticas, tratados e diálogos da língua dos séculos XVI e XVII podem servir de fontes do estudo da problemática lexicológica não menos consideráveis do que os dicionários da época.

---

<sup>11</sup> A etimologia de Nunes de Leão reflecte a origem galo-romana deste empréstimo provençal.

2. Os monumentos portugueses anteriores a Port-Royal testemunham que na primeira etapa da formação da linguística moderna se realizam mudanças na descrição da palavra:
  - a. no âmbito da compreensão da palavra como unidade da língua, consolida-se a ideia de sua divisibilidade (continua o destacamento de partes significantes) e atende-se à questão de sua delimitação;
  - b. na esfera da formação de palavras, resolvem-se problemas de seu lugar na descrição linguística, de derivação e composição, de modelos e regras da formação de palavras;
  - c. evolui a noção do significado: além da ideia já formada do significado lexical, engendram-se outros tipos da noção – de significados gramatical e derivacional, ligados ao destacamento de várias partes significantes da palavra;
  - d. tracejam-se novas atitudes à classificação do léxico: nas descrições das partes da oração decresce a tendência de destacar classes léxico-semânticas e aumenta a tendência de caracterizar o léxico das posições da norma e de câmbios históricos;
  - e. na descrição do léxico reflecte-se a engendração da atitude histórica à língua;
  - f. autores de gramáticas destinadas a ensinar línguas vivas com os fins da comunicação atendem a palavras discursivas.
3. Os câmbios na apresentação do léxico testemunham o processo de estruturar-se a linguística como a ciência madura:
  - a. afirma-se a tendência de distinguir a problemática lexicológica e gramatical;
  - b. esboça-se o destacamento da formação de palavras como uma área especial;
  - c. cria-se a noção moderna da etimologia: a procura dos fundamentos da nomeação e o entendimento da designação como reflexo de propriedades da coisa substituem-se pelo estudo da história, de câmbios fonéticos e da semântica da palavra, que possibilitam revelar correlações entre a palavra e seu étimo. Junto com a compreensão da mutabilidade da língua e a finalidade da procura das origens do vernáculo isso assinala a engendração da atitude histórica à língua e o esboço de uma nova disciplina linguística, a etimologia.
4. Nos moldes de tratados linguísticos traçam-se novos géneros de dicionários: ortográfico e etimológico.

O exposto ajuda avaliar a contribuição da linguística portuguesa dos séculos XVI e XVII na formação da lexicologia moderna.

## **Referências**

- ALDRETE, Bernardo José. Del origen, y principio de la lengua castellana ò romãce que oi se usa en España. Roma: Carlo Willieto, 1606.
- ÁLVARES, Manuel. Emmanuelis Alvari [...] grammatica libri tres. Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572.
- ANCHIETA, José de. Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do brasil [...]. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; FERNANDES, Gonçalo. Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos. Estudo introdutório. In: ROBOREDO, Amaro (1619). *Methodo grammatical para todas as linguas* (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda. – Artes Graficas, 2007, p. XI-CII. (Colecção Linguística 1).
- BARBOSA, A. *Dictionarium lusitanicolatinum*. 2a Edição. Fac-simile da edição de 1611. / Organização e introdução Head B.F. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos. 2007.
- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Dialogo em louvor da nossa linguagem. Olyssipone: Apud Lodovicum Rotorigiũ, 1540.
- BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa, PALMA, Dieli Vesaro. As ideias linguísticas de Duarte Nunes do Leão: contribuições à gramaticografia em língua portuguesa. In: *Confluência*, 53: Instituto de Língua Portuguesa, 2017, p. 35-56.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.
- CARDOSO, Jerónimo. *Heronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium*. Ulissipone: Ioannis Aluari, 1570.
- COSERIU, Eugenio. Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira. In: Oliveira, Fernão de. *Grammatica da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática, ed. por Amadeu Torres & Carlos Assunção: Academia das Ciências de Lisboa, 2000, p. 29-60.

- ESTÊVÃO, Tomás. Arte da lingua Canarim. Rachol: Collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesu, 1640.
- FARIA, Manuel Severim de. Discursos varios politicos. Evora: Manoel Carvalho, 1624.
- FERNANDES, Gonçalo. A Ianua Linguarum dos Jesuítas Irlandeses (Salamanca, 1611) e a Porta de Línguas de Amaro de Roboredo (Lisboa, 1623) In: Boletim de Estudos Clássicos. 2004, 42, p. 165-181.
- FERNANDES, Gonçalo. As gramáticas do português de Fernão de Oliveira (1536) e de Bento Pereira (1672). In: Confluência, 33 e 34: Revista do Instituto da Língua Portuguesa, 2007, p. 127-141.
- FIGUEIRA, Luis. Arte da lingua brasilica. Lisboa: Manuel da Silva, (1621?).
- FONSECA, Maria do Céu. Historiografia lingüística portuguesa e missionária. Proposições e Posposições no Século XVII. Lisboa: Edições Colibri, 2006.
- GÂNDAVO, Pero Magalhães de. Regras [...] ortografia da lingua portuguesa [...] Dialogo em defensam da mesma lingua. Lisboa: Antonio Gonçalves, 1574.
- GONÇALVES, Maria Filomena. Treinta años de Historiografía Lingüística del portugués. In: Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística. León: Universidad de León, Dpto. de Filología Hispánica y Clásica. 2006, p. 732-753.
- KEIL, Heinrich; HERTZ, Martin Julius. Grammatici latini [...] Prisciani Institutionum Grammaticarum libri I-XII. Vol. II. Lipsiae: B. G. Teubner, 1855.
- KEIL, Heinrich; MOMMSEN, Theodor. Grammatici latini [...] Probi, Donati, Servii. Vol. IV. Lipsiae: B. G. Teubner, 1864.
- КОСАРИК, Марина. Академический словарь португальского языка – история и современность. In: Язык и действительность: Сборник научных трудов памяти В.Г. Гака. М.: ЛЕНАНД, 2007, с. 583-589. [KOSSARIK, Marina. The Academic dictionary of Portuguese – History and modernity. In: Language and reality. In memoriam of V.G. Gak: Moscow, Lenand, 2007, p. 583-589.
- \_\_\_\_\_. К проблеме традиции и инновации в истории языкознания. Ренессансная и современная лингвистические парадигмы – связь эпох. In: Вестник МГУ. Серия 9. Филология 5, 1995, с. 104-116. [KOSSARIK, Marina. On the problem of tradition and innovation in the history of linguistic studies. Renaissance and contemporary linguistic paradigms: two epochs' bondage. In: Moscow State University Bulletin. Series 9. Philology 5, 1995, p. 104-116].

- \_\_\_\_\_. Описание языковой системы в ранних лингвистических памятниках Португалии. Т. I. Фонетика. Морфемика. Морфология именных частей речи. Москва: МАКС Пресс, 2013. [KOSSARIK, Marina. The description of language system in early Portuguese treatises on language. Vol. I. Phonetics. Morphemics. Morphology of Nominal Parts of Speech. Moscow: MAKS Press, 2013].
- \_\_\_\_\_. Социолингвистическая проблематика в ранних португальских сочинениях о языке. Москва: МАКС Пресс, 2013. [KOSSARIK, Marina. Renaissance Portuguese treatises on language: sociolinguistic aspects. Moscow: MAKS Press, 2013].
- KOSSARIK, Marina. A contribuição dos primeiros gramáticos portugueses na formação do cânone gramatical moderno. In: *Revista de História*, 10: FLUP, 1990, p. 55-60.
- \_\_\_\_\_. A doutrina linguística de Amaro de Roboredo. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística: (Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996)*. Editadas por Ivo Castro. Vol. 2: Associação Portuguesa de Lingüística, Colibri Lisboa, 1997, p. 429-443.
- \_\_\_\_\_. A obra de Amaro de Roboredo. Questões de historiografia linguística portuguesa. In: ROBOREDO, Amaro de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Ed. de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 7-63. (Filologia portuguesa).
- \_\_\_\_\_. Concepciones pre-coserianas en los monumentos lingüísticos portugueses de los siglos XVI y XVII. In: STEHL Thomas, HASLER, Gerda, eds. *Processes-Kompetenz-Funktion-Variation: Linguistica Coseriana V*. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH, 2017, p. 351-367.
- \_\_\_\_\_. Early Portuguese treatises and the case of scientific paradigms. Interparadigmatic periods and the two hyperparadigms in linguistic history. In: *Tradition and Innovation in the History of Linguistics: Contributions from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XIII)*, Vila Real, 25-29 August 2014, ed. by Carlos Assunção & Gonçalo Fernandes & R. Kemmler. Münster: Nodus Publikationen, 2016, p. 176-185.
- \_\_\_\_\_. La lingüística ibérica en los siglos XVI-XVII y el contexto cultural de la época. In: *Actas de la II Conferencia de hispanistas de Rusia*. Moscú. 19-23 abril 1999, Madrid-Moscú: Embajada de España en Moscú, Ministerio de Asuntos Exteriores, Dirección General de Relaciones Culturales y Científicas, 1999, p. 19-23.

- \_\_\_\_\_. Monumentos Linguísticos Portugueses dos Séculos XVI e XVII. In: *Confluência*, 25 e 26: Instituto de Língua Portuguesa, 2003, p.93-174.
- \_\_\_\_\_. Na nascente das ideias do discurso, da gramática funcional comunicativa – obras missionárias (J. de Anchieta, L. Figueira, T. Estêvão) e de B. Pereira. In: *Confluência*, 51: Instituto da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2016. p. 22-43.
- \_\_\_\_\_. Universalização de conceitos linguísticos como etapa da consolidação da ciência – contribuição dos filólogos portugueses. In: *Confluência*, 49: Instituto de Língua Portuguesa, 2015, p. 162-200.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Orthographia*. Lisboa: João Barreira. 1576.
- \_\_\_\_\_. *Origem da lingua portuguesa*. Lisboa: Pedro Graesbeck, 1606.
- LEITE, Marli Quadros. Considerações sobre uso e norma na Gramática Portuguesa – O Methodo Grammatical para todas as Linguas (1619), de Amaro de Roboredo. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, 13.2, 2011, p. 337-368.
- LUPETTI, Monica. Tra Cardoso e Bluteau: la lessicografia portoghese del Seicento In: *Quaderni del CIRSIL*, 4, 2005, [www.lingue.unibo.it /cirsil](http://www.lingue.unibo.it/cirsil), p. 65-77.
- LUPETTI, Monica. A gramática racionalista em Portugal no século XVIII. In: DUARTE, Sónia; PONCE DE LEÓN Romeo, Rogélio. *Gramática Racionalista na Península Ibérica (séculos XVI-XIX)*. Porto: Universidade do Porto, 2015, p. 55-71.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germam Galhardo, 1536.
- PEREIRA, Bento. *Thesouro da lingua portuguesa*. Lisboa: Paulo Craesbeeck. 1647.
- \_\_\_\_\_. *Ars grammaticae pro lingua Lusitana addiscenda latino idiomate*. Lugduni: Laurentius Anisson, 1672.
- PEREIRA, Frutuoso. *Arte de grammatica latina*. Lisboa: Lourenço de Anueres, 1643.
- PONCE DE LEÓN Romeo, Rogelio. Gramaticografia e lexicografia em Portugal durante o século XVI: do Latim ao Português. *Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* 3, 2009, p. 45-65.
- \_\_\_\_\_. La pedagogía del latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos. In: *Cuadernos de filología clásica: Estudios latinos* 10, 1996, p. 217-228.
- RESENDE A. de. L. *Andreae Resendii de verboru(m) coniugatione commentarius*. Olissipone: Apud Lodovicū Rhotogirium. 1540.

- ROBOREDO, Amaro de. Grammatica latina. Lisboa: Antonio Alvares, 1625.
- \_\_\_\_\_. Methodo grammatical para todas as linguas [...]. Lisboa: Pedro Graesbeeck, 1619.
- \_\_\_\_\_. Methodo Grammatical para todas as Linguas. Ed. de Marina A. Kossarik. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2002.
- \_\_\_\_\_. Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1621.
- \_\_\_\_\_. Methodo grammatical para todas as linguas (edição facsimilada). Edição: Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Braga: Barbosa & Xavier, Lda., 2007. (Coleção Linguística 1).
- ROSA, Maria Carlota. Línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, 6.2, 1997, p. 97-149.
- SCOTUS, Duns. De modi significandi, sive Grammatica speculativa. Ad Claras Aquas. 1902. – [*A gramática de Tomás de Erfurt atribuída a Duns Escoto. – M.K.*]
- SOUSA, Máximo de. Institutiones tum lucide, tum compendiose, latinarum literarum, tradite dialogo [...]. Coimbra: Caenobium Dive Crucis, 1535.
- SWIGGERS, Pierre. Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle. Presses Universitaires de France (PUF), 1997.
- TÁVORA, Francisco de. Grammatica hebraea novissime [...]. Conimbricæ: Apud Ioanem Aluarum, 1566.
- VERA António Ferreira de. Orthographia. Breves louvores da lingua portuguesa. Lisboa: Manuel Rodrigues, 1631.
- VERDELHO, Telmo. O Calepino em Portugal – a obra lexicográfica de Amaro Reboredo. In: *Revista portuguesa de filologia*, 23, 1999, p. 125-149.
- VILELA, Mário. Estudos de lexicologia do português. Livraria Almedina, 1994.

Enviado em 28 de março de 2018.

Aceito em 7 de maio de 2018.